



DIVERSIDADE CULTURAL E ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: possibilidades para a sala de aula

Paulo Fachin²⁷ - Centro Universitário FAG

RESUMO: Sendo a língua consequência da cultura, podemos compreender que ambas (língua e cultura) são questões inseparáveis no processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira (LE). Sabemos que, além das estruturas linguísticas e do desenvolvimento da comunicação, tanto oral quanto escrita, o aprendiz deverá compreender os aspectos culturais da língua estudada, onde é falada, e os costumes dos países que a têm como língua oficial. Desta forma, este trabalho busca contribuir para a compreensão da relevância dos aspectos culturais para a sala de aula de Língua Espanhola como LE. Para as análises presentes neste artigo, fizemos um levantamento bibliográfico acerca dos documentos oficiais que norteiam o ensino de Língua Espanhola como LE em nosso país, como também teóricos que investigam sobre a aprendizagem de Língua Estrangeira.

PALAVRAS-CHAVE: Língua espanhola; aspectos culturais; ensino.

INTRODUÇÃO

Ao ensinar uma língua estrangeira (LE), o professor deverá ir muito além de estruturas gramaticas e de uma abordagem comunicativa, privilegiando, obviamente, os aspectos culturais da língua estudada, mas devemos considerar que a comunicação é uma construção e um processo social. Assim, comunicação e cultura andam de mãos dadas. Com relação a esta discussão, as Orientações Curriculares Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000) nos colocam que,

Compreensão de que é pela língua que se organizam e se comunicam saberes dos quais os indivíduos devem se apropriar no âmbito social e cultural – para gerar significados e integrar-se no mundo de forma crítica e segundo escolhas pessoais no campo das possibilidades da cultura. A construção da identidade cultural parte da consciência da necessidade de se construir a identidade linguística, constituída pelo estudo da conservação e das rupturas, da posição dos interlocutores em dado momento histórico, das negociações de sentido, intenções e expectativas envolvidas. O estudo das línguas estrangeiras modernas deve levar ainda à reflexão sobre estatutos de indivíduos frente a outros, competência que transcende o domínio das habilidades linguísticas. (PCNEM, 2000, p. 93).

Levando em consideração as reflexões proporcionadas pelos documentos e pesquisas que norteiam o ensino de LE, o objetivo principal, aqui, é discutir sobre o ensino de língua

²⁷ Graduado em Letras Português pela Universidade Paranaense – UNIPAR, câmpus Cascavel-PR (2016). Aluno do curso de graduação em Letras (Licenciatura em Espanhol) para portador de diploma de licenciatura em Letras pela UNIUBE – Universidade de Uberaba (turma 2017-2018), polo Maringá-PR. Professor do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG (Cascavel-PR). E-mail: paulo.fachin@hotmail.com.



espanhola valorizando seus aspectos culturais em sala de aula, indo muito além do desenvolvimento das quatro destrezas: ler, escrever, ouvir e falar, buscando despertar, no aprendiz, a valorização pela cultura do outro, compreendendo que não existe cultura melhor ou pior, mas sim aspectos que fazem parte de uma diversidade cultural.

RELETINDO SOBRE OS CONCEITOS DE LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE

Conforme as Diretrizes Curriculares Estaduais para o Ensino de Língua Estrangeira Moderna (2008, p. 53), “toda língua é uma construção histórica e cultural em constante transformação. Como princípio social e dinâmico, a língua não se limita a uma visão sistêmica e estrutural do código linguístico. Ela é heterogênea, ideológica e opaca”.

Podemos compreender a língua como uma forma de comunicação, trazendo consigo regras gramaticais que resultam na construção de enunciados que permitem a comunicação e a compreensão entre os indivíduos de uma mesma comunidade linguística.

Os documentos citados anteriormente, produzidos pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná (2008, p. 53-54) e comungando com a ideia de Bakhtin (1998), colocam-nos que “a língua, concebida como discurso, não como estrutura ou código a ser decifrado, constrói significados e não apenas os transmite. O sentido da linguagem está no contexto de interação verbal e não no sistema linguístico”. Assim, “a cultura é concebida como um processo dinâmico e conflituoso de produção de significados sobre a realidade em que se dá em qualquer contexto social”.

Irané Antunes (2009) reflete sobre língua e cultura relacionando-as à identidade e povo, ou seja, não existe, para ela, indissociabilidade destes quatro elementos. Para esta autora,

A língua é um grande ponto de encontro; de cada um de nós, com os nossos antepassados, com aqueles que, de qualquer forma, fizeram e fazem a nossa história. Nossa língua está na trajetória e na memória coletiva. Daí, o apego que sentimos à nossa língua, ao jeito de falar de nosso grupo. [...] Tudo isso porque linguagem, língua e cultura são, reiteramos, realidades indissociáveis. É nesse âmbito que podemos surpreender as raízes do processo de construção e expressão de nossa identidade ou, melhor dizendo, de nossa pluralidade de identidades. [...] Pela língua, enfim, recobramos nossa identidade. Na verdade, a língua [...] é uma espécie de atestado de nossas identidades. (ANTUNES, 2009, p. 22).

Pela língua e pela cultura, ou seja, por meio de sua identidade, um indivíduo ou um povo “se mostra”, evidenciando qual a sua origem, território, a qual nação pertence e, consequentemente, crenças e valores, dando vida e voz à heterogeneidade linguística e cultural.

Lyons (2013, p. 4) comenta que para Hall (1968), “a língua que é usada por determinada sociedade é parte da cultura daquela sociedade”. Comungando com o pensamento de Dalpin (1996) de que a língua dá acesso à cultura.

Ademais, da relação existente entre língua, cultura e identidade, é possível compreender que a língua, como consequência destas duas últimas, é viva e está em constante transformação, ou seja, há um processo dinâmico que envolve língua, cultura e identidade. Esta questão pode ser explicada pela história e Lyons (2013) esclarece que,

Durante século XIX, verificou-se um grande progresso na investigação do desenvolvimento histórico das línguas. Os estudiosos compreenderam, mais



claramente que antes, que as mudanças na língua dos textos correspondentes a diversos períodos – mudanças do tipo da que com séculos transformou o latim em francês, italiano ou espanhol – por exemplo, poderiam ser explicadas em termos de mudanças que haveriam ocorrido na língua falada correspondente. (LYONS, 2013, p. 10).

A língua e, conseqüentemente, a cultura de um povo, sofre constantes modificações com o intuito de atender necessidades que até então não existiam, mas que, a partir de determinado momento, surgem por conta do novo perfil de sociedade e da nova identidade que se constrói. Sobre este pensamento, Lyons (2013) nos explica que,

Todas as línguas vivas, pode-se presumir, são por natureza sistemas eficientes de comunicação. À medida que se modificam as necessidades de comunicação de uma sociedade, também se modificará a língua por ela falada, para atender às novas exigências. O vocabulário será ampliado, seja tomando emprestadas palavras estrangeiras, seja criando-as a partir de seus próprios vocábulos já existentes. (LYONS, 2013, p. 22).

Transformando-se a língua, transformam-se os aspectos culturais de um povo, de uma nação. Sobre o conceito de cultura, Thompson (1995) no diz que alguns pensadores preferem o termo culturas, no plural e, para ele, a palavra envolve costumes, práticas, arte, formas de conhecimento e crenças de uma determinada sociedade, ou seja, ele cita o entendimento de cultura trazido por Tylor (1903), em que ela (a cultura) é uma lista de todos os itens da vida de um povo. (Thompson, 1990, p. 172).

Esta compreensão de que a língua é um aspecto cultural, de que é uma consequência da cultura, não pode ser desprezada, em sala de aula, pelo professor de língua espanhola. Afinal, qual variante ensinar? Quais aspectos culturais privilegiar? Considerando um universo de mais de vinte países que têm a língua espanhola como oficial, qual país é o mais importante e qual espanhol ensinar?

ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Ensinar espanhol como língua estrangeira nos espaços escolares de nosso país é algo relativamente novo, algo integrante de nossa contemporaneidade, pois, até pouco tempo, a língua espanhola era estudada por erudição, mesmo fazendo parte dos currículos escolares há mais de um século.

Como resultado de um processo que buscava destacar o Brasil no MERCOSUL, em 5 de agosto de 2005, foi criada a Lei nº 11.161, que tornou obrigatória a oferta de Língua Espanhola nos estabelecimentos de Ensino Médio. Com isso, também se buscou atender a interesses político-econômicos para melhorar as relações comerciais do Brasil com os países de língua espanhola. A oferta dessa disciplina é obrigatória para a escola e de matrícula facultativa para o aluno. [...] A fim de valorizar o ensino de Língua Estrangeira Moderna, no ano de 2004, a SEED abriu concurso público para compor o quadro próprio do magistério, com vagas para professores de Espanhol, para suprir a demanda prevista pela lei. Também ampliou o número de escolas que ofertam os cursos dos CELEM, estabeleceu parcerias para formação e aprimoramento pedagógico dos professores e adquiriu livros



de fundamentação teórica de Língua Estrangeira para as escolas de todo o estado. Paralelamente, no âmbito Federal, o MEC tem feito parcerias e promovido discussões sobre o ensino de Espanhol nas escolas brasileiras, além de distribuir material de suporte para professores da disciplina. Ao contextualizar o ensino de Língua Estrangeira, pretendeu-se problematizar as questões que envolvem o ensino da disciplina, nos aspectos que o tem marcado, sejam eles políticos, econômicos, sociais, culturais e educacionais. (SEED/PR, 2008, p. 49).

Sobre estas questões ligadas ao ensino de espanhol no Brasil, Francisco Moreno Fernández (2005), esclarece que,

Como balance de la situación actual del español en el sistema educativo, puede decirse que estamos asistiendo a una situación favorable a la enseñanza-aprendizaje del español – independientemente de que la obligatoriedad se llegue a aprobar o no –, y que las autoridades educativas deberían ser conscientes de la fuerza de la demanda del español y de la necesidad de satisfacer las exigencias del Mercosur. A fecha de hoy, la oferta pública del español es claramente insuficiente, principalmente por la falta de medios técnicos, de apoyo bibliográfico y de profesorado cualificado²⁸. (FERNÁNDEZ, 2005, p. 25).

Com relação à formação de professores, é muito provável que já avançamos significativamente, pois existem muitos cursos em nível de graduação e pós-graduação. É visível a compreensão dos docentes acerca dos aspectos culturais que devem ser valorizados em sala de aula e qual espanhol ensinar, resultados da reflexão e de atividades que envolvem a formação dos professores.

A utilização de diversas ferramentas e encaminhamentos dinâmicos e inovadores devem fazer parte do cotidiano nos espaços escolares no ensino de LE. A utilização de músicas, vídeos, jogos, brincadeiras, aspectos culturais, além de um trabalho interdisciplinar, necessitam fazer parte da prática pedagógica de um docente de LE, um trabalho que vai muito além do livro didático.

Entende-se que muitos professores proferiam o trabalho com o livro didático em função da previsibilidade, homogeneidade, facilidade para planejar as aulas, acesso a textos, figuras, etc. suas vantagens também são percebidas em relação aos alunos, que podem dispor de material para estudos, consultas, exercícios, enfim, acompanhar melhor as atividades. Além de descortinar os valores subjacentes no livro didático, recomenda-se que o professor utilize outros materiais disponíveis na escola: livros didáticos, dicionários, livros paradidáticos, vídeos, DVD, CD-ROM, internet, TV multimídia, etc. A elaboração pautada nestas Diretrizes permite flexibilidade para incorporar especificidades e interesses dos alunos, bem como contemplar a diversidade

²⁸ Como balanço da situação atual do espanhol no sistema educacional, pode-se dizer que estamos assistindo a uma situação favorável ao ensino-aprendizagem do espanhol – independentemente de que a obrigatoriedade chegue a ser aprovada ou não –, e que as autoridades educacionais deveriam ser conscientes da força da demanda do espanhol e da necessidade de satisfazer as exigências do MERCOSUL. Na data de hoje, a oferta pública de espanhol é claramente insuficiente, principalmente por falta de meios técnicos, de apoio bibliográfico e de professores qualificados. (Tradução nossa).



regional. Ao tratar os conteúdos de Língua Estrangeira Moderna, o professor proporcionará ao aluno, pertencente a uma determinada cultura, o contato e a interação com outras línguas e culturas. Desse encontro, espera-se que possa surgir a consciência do lugar que se ocupa no mundo, extrapolando o domínio linguístico. (SEED/PR, 2008, p. 69).

Certamente, o docente que tiver o cuidado em levar atividades diversas para a sala de aula, terá mais chance de “encantar” o aprendiz, culminando numa aprendizagem mais aprofundada e significativa. Fará, possivelmente, que o aluno compreenda que não existe cultura melhor ou pior, porém, culturas e a cultura mais importante é aquela vivida pelo indivíduo. Haverá a compreensão que não existe espanhol mais importante, mas variedade linguística riquíssima que indica o pertencimento de um sujeito a determinada comunidade, cuja cultura e valores são tão importantes quanto as demais existentes.

Além dos encaminhamentos já apontados, Luz María Pires da Silva (2005) expõe que a leitura poderá ser um procedimento indispensável para a sala de aula de Língua Estrangeira, colocando-nos que,

La enseñanza adecuada de español para brasileños al basarse en la lectura proporciona un impulso estimulante en el aprendizaje. El profesor selecciona y dosifica los temas de acuerdo a los intereses del grupo de alumnos, y gradúa las dificultades y los ejercicios para superarlas. El alumno, a partir de lo que ya sabe, incluso en su propia lengua, contrasta, compara y asimila estructuras, vocabulario, formas gramaticales y usos específicos, y así elabora su conocimiento. Con esta práctica reflexiva, el aprendiz se convierte en sujeto activo, constructor de significados que van más allá de lo gramatical²⁹. (SILVA, 2005, p. 193).

O professor de Língua Estrangeira deverá, ainda, valorizar as possibilidades de um trabalho interdisciplinar, cujo objetivo será ultrapassar a fragmentação do conhecimento, ampliando a diversidade de conteúdos e conhecimentos, partindo do que o aluno traz para o espaço escolar. Sobre um trabalho articulado sobre as disciplinas do currículo escolar, as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná para o ensino de Língua Estrangeira Moderna (2008) nos orientam que,

Outro aspecto importante com relação ao ensino de Língua Estrangeira Moderna é que ele será, necessariamente, articulado com as demais disciplinas do currículo para relacionar os vários conhecimentos. Isto não significa ter que desenvolver projetos com inúmeras disciplinas, mas fazer o aluno perceber que alguns conteúdos de disciplinas distintas podem estar relacionados com a Língua Estrangeira. Por exemplo: as relações interdisciplinares da Literatura com a História e com a Geografia podem colaborar para o esclarecimento e a compreensão de textos literários. As atividades serão abordadas a partir de textos e envolverão, simultaneamente,

²⁹ O ensino adequado de espanhol para brasileiros ao se basear na leitura proporciona um impulso estimulante à aprendizagem. O professor seleciona e dosifica os temas de acordo aos interesses do grupo de alunos, e gradua as dificuldades e os exercícios para superá-las. O aluno, a partir do que já sabe, inclusive em sua própria língua, contrasta, compara e assimila estruturas vocabulário, formas gramaticais e usos específicos, e assim elabora seu conhecimento. Com esta prática reflexiva, o aprendiz se converte em sujeito ativo, construtor de significados que vão muito além do gramatical. (Tradução nossa).



práticas e conhecimentos mencionados, de modo, a proporcionar ao aluno condições para assumir uma atitude crítica e transformadora com relação aos discursos apresentados. (SEED/PR, 2008, p. 67).

Assim, ressaltamos, aqui, a indispensabilidade de utilização de vários procedimentos de ensino, tanto dentro quanto fora da sala de aula, que constituirão em suportes valorosos e o marco inicial de um trabalho de sucesso dentro dos espaços escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Estrangeira Moderna (2008, p. 63) nos explicam que “as línguas estrangeiras são possibilidades de conhecer, expressar e transformar modos de entender o mundo e construir significados”.

Ao ensinar uma LE, o professor dará vida e voz a elementos de uma cultura que fazem referência à identidade de uma comunidade, indo muito além de estruturas linguísticas que passam a ter mais significação após a compreensão dos aspectos culturais.

Tão importante quanto o que é ensinado são os procedimentos metodológicos escolhidos pelo docente e, por conta disto, é indispensável que sejam levados diversos recursos para a sala de aula, para que a aprendizagem efetivamente ocorra e o que foi aprendido tenha significado para o aluno.

A partir do momento que a LE tenha sentido para o aprendiz, haverá, ao considerarmos os elementos de sua cultura, o entendimento de que na Argentina e no Uruguai se *vosea*, que os espanhóis utilizam o *vosotros* e, ainda, *el día de los muertos*, no México, celebra-se com música e comida.

Desta forma, construir-se-á, ao contrário do que muitas vezes ocorre, a valorização da cultura do outro, colocando-se no lugar dele (empatia), entendendo que não existe cultura soberana, comportamentos “estranhos”, mas sim diversidade linguística, identidades, valores, formas diversas de comportamento, práticas sociais, ou seja, culturas.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ivandé. Língua, texto e ensino: uma escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio) – Parte II – Linguagem, Códigos e Suas Tecnologias*. MEC, Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2017.
- FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. *El español en Brasil*. In. SEDYCIAS, João (org.). O ensino do espanhol no Brasil. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- LYONS, John. Língua(gem) e linguística: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- PARANÁ. Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Estrangeira Moderna. Curitiba: SEED, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_lem.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2017.
- SILVA, Luz María Pires de. *Enseñanza de español para brasileños: elaboración de material didáctico*. In. SEDYCIAS, João (org.). O ensino do espanhol no Brasil. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.